LITERATURA: UM ESTUDO DE CASO DA LEITURA DOS CLÁSSICOS BRASILEIROS NO ENSINO MÉDIO

LITERATURE: A CASE STUDY OF THE READING OF BRAZILIAN CLASSICAL NOVELS IN HIGH SCHOOL

Emilio Davi Sampaio[1]
Eliza da Silva Martins Peron [2]

Resumo: Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada em duas escolas localizadas no município de Dourados - MS sobre a leitura dos romances clássicos. Com o objetivo de preservarmos a identidade das instituições, denominamos as escolas como A e B, sendo que a escola A pertence à rede pública de ensino e a escola B à rede privada. Como método de investigação, aplicamos questionários com questões fechadas e abertas aos alunos do terceiro ano do ensino médio. Este material nos permitiu uma abordagem da situação atual da leitura dos romances clássicos. A partir desses dados e, pautados em alguns estudiosos do tema, foi possível descrever a realidade de forma ampla a fim de evidenciar o que esses jovens leitores, estudantes do ensino médio, têm a nos dizer, sobre suas leituras ou não leituras dos romances clássicos brasileiros.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Clássicos brasileiros. Estudo de caso.

1. INTRODUÇÃO

A leitura é um ato solitário e faz com que se estabeleça uma íntima relação entre dois corpos: quem lê (o ser humano) e o livro (a mensagem) o qual se está lendo. A humanidade só conhece a sua história, seus mais eruditos e triviais motivos, porque possui livros. Neles permanecem assentadas as mais variadas formas de expressão, desde as sentimentais até as informativas e de conhecimento. E somente a leitura poderá mantê-los vivos.

Sabemos que há leitores para todos os tipos de textos: científicos, de estudo, de higiene mental, de prazer, de literatura, dentre outros. Essa leitura pode ser no intuito de preencher um vazio interior, para se apropriar de um saber momentâneo ou para se utilizar daquele conhecimento adquirido em momento oportuno, ou ainda para satisfazer uma

[1] Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - (UFRGS). Professor da Graduação e Pós-graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - (UEMS). E-mail: emilio@uems.br
[2] Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Técnica de Nível Superior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS e professora da Rede Estadual de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul. E-mail: elizamperon@gmail.com

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

necessidade intelectual, prazerosa, fruitiva sem quaisquer outros compromissos. Mas, e a leitura de um romance clássico, terá algo diferente?

Lembremos que, como definição do termo "clássico", apresentamos o seguinte*:* "Do latim *classicu*, diz-se da obra ou autor que, pela originalidade, pureza de língua e forma perfeita, se tornou modelo digno de imitação (HOLANDA, 1999, p. 416). Nesta mesma linha de pensamento, Santos (2015, p. 69) expõe o seguinte em relação ao cânone:

> Em linhas gerais, o canônico se refere àqueles lugares, àquelas obras que, por força do tempo e da tradição, por sua qualidade acadêmica, estilística e literária, por sua pretensa autonomia ou por outras razões que aqui não vêm ao caso, são consideradas "geniais", "grandiosas", "valorosas", tornando-se tautologicamente questionáveis como qualquer proposição judicativa, porém, ainda sim, modelos para produções subsequentes.

Perrone-Moisés (2016, p. 65) também conceitua as obras clássicas como aquelas cujo juiz é o tempo:

> O grande juiz da obra literária é o tempo. Se uma obra continua a suscitar novas leituras, não é porque ela contém valores essenciais, mas porque ela corresponde a indagações humanas de longa duração, concernentes à vida e à morte, ao amor e ao ódio, à paz e à guerra, e porque essas indagações estão nela formuladas numa linguagem cuja eficácia significante é reconhecida por leitores de sucessivas épocas. É esse reconhecimento que faz um clássico e o insere num cânone.

Uma das premissas de Calvino (1993, p. 12,13) reporta-se à importância de os clássicos acederem uma centelha em quem os lê, mas ressalta que: "[...] os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os seus clássicos".

Pensando nesses pressupostos, propomos a investigação da leitura dos clássicos e o gosto por esse tipo de leitura, levantando as seguintes questões: os alunos leem os clássicos? Gostam de ler? Em qual ambiente esse estudante está inserido? Esse fator é importante para o estímulo à leitura? A partir da resposta aos questionários, obtivemos quais respostas em relação à leitura dos clássicos? Essas e outras perguntas são discutidas ao longo desse artigo.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

2. ESTUDO DE CASO

Conforme assinalamos no resumo, a pesquisa tangenciou-se a duas escolas do município de Dourados – MS, denominadas como escola "A" essa pertencente à rede pública de ensino e escola "B" à rede particular. Utilizamos como método de abordagem questionários sendo que esses continham questões abertas e fechadas.

O público alvo foram os estudantes do terceiro ano das referidas escolas, cuja faixa etária variava dos 16 aos 19 anos de idade. Em nossos estudos, ora utilizamos o método comparativo para compreendermos a situação de cada realidade escolar, ora convergirmos os dados para mapear a conjuntura do problema.

Na escola A recolhemos vinte e quatro questionários, na escola B trinta e quatro. E, após a aplicação e análise dos questionários nas referidas escolas, evidenciamos respostas concernentes à leitura ou não dos clássicos brasileiros, importância atribuída, e outros aspectos que vão esboçadas nesse artigo.

Em relação à leitura dos romances clássicos verificamos que, se eles ainda não têm o hábito, a maturidade necessária e não apreciam, por outro lado, atribuem relevância. É o que constatamos ao indagar-lhes da importância dessa leitura. A questão foi a seguinte*: Você considera importante a leitura dos clássicos brasileiros?* Somando o resultado das duas escolas, cinquenta e seis responderam de forma positiva, sendo que apenas seis assinalaram *não*, portanto cinquenta alunos consideram importante essa modalidade de leitura.

O questionário apresentava ainda opções sobre o porquê da importância. A maioria assinalou o item onde se diz que essa leitura melhora o nível cultural do leitor (trinta e sete alunos). Com isso percebemos que, mesmo não havendo certo "gosto" ou prazer há valorização por parte desses jovens em relação à leitura dos clássicos.

Para aprofundarmos um pouco mais sobre a relevância atribuída à leitura dos clássicos pelos estudantes ratificamos que, no tocante às respostas, parece haver controvérsia ou ainda, estar subentendida na consciência dos alunos uma vez que, embora afirmaram não gostar a consideram importante.

Na tentativa de ampliarmos essa reflexão, nos apropriamos de um fragmento do livro: *A importância do ato de ler* (2000) de Paulo Freire, onde o mesmo explicita que, além da necessidade de se ler um clássico com seriedade, deve haver um aprofundamento na leitura, na busca do âmago do que nela está contido; somente assim viabilizaremos nossa prática enquanto docentes e estudantes:

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

> Parece importante, contudo, para evitar uma compreensão errônea do que estou afirmando, sublinhar que a minha crítica à magicização da palavra não significa, de maneira alguma, uma posição pouco responsável de minha parte com relação à necessidade que temos, educadores e educandos, de ler, sempre seriamente, os clássicos neste ou naquele campo do saber, de nos adentrarmos nos textos, de criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática enquanto professores e estudantes (FREIRE, 2000, p. 18).

Analisando o excerto, os dados e as considerações relatadas pelos alunos sobre o valor da leitura dos clássicos brasileiros acreditamos que a escola realmente não deve deixar de contemplar na disciplina de Literatura, a leitura das obras clássicas brasileiras, pois, com essa metodologia, os alunos terão uma primeira oportunidade de ler e conhecerem os clássicos, não importando se os apreciam ou não, porque ao menos eles passam a conhecem, sabem sobre o que dizem e o mais importante, "como dizem".

Calvino (1993, p. 13) reforça essas considerações dizendo que: "Os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os "seus" clássicos".

O teórico expõe ainda sobre o futuro do leitor, apresentando as conotações possíveis que esta leitura pode tomar quando se relê: "Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer". (CALVINO, 1993, p. 11)

Vejamos o final da citação de Calvino: *"*(...) um livro que nunca terminou de dizer o que tinha para dizer". Atribuímos relevância ao fragmento com o intuito de respaldar a assertiva de que novas leituras devem ser feitas para descobrirmos algo que antes não se fez presente ao nosso entendimento. É provável que esta circunstância esteja ligada a questões de ordem psicológica, tendo-se como exemplo a maturidade ou ainda, as inferências e leituras anteriores, e também a leitura de mundo. E é dessa forma que estaríamos estabelecendo na vida do leitor um novo momento: de uma possível inédita descoberta por meio dos clássicos brasileiros.

3. OS CLÁSSICOS: LEITURA DE VALOR

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

Com relação à importância e ao que pensam sobre os clássicos, os estudantes terceiranistas responderam aos questionamentos por meio de depoimentos sendo esses, um retrato dessa leitura pelos mesmos. Selecionamos, a seguir, algumas dessas declarações, a fim de fazermos algumas considerações sobre o que expuseram.

Para efeitos de comparação, dividimos os alunos em dois grupos: primeiro elencamos as respostas dos estudantes da escola A, respectivamente aqueles que dão importância à leitura e em seguida aqueles que não a valorizam. Em seguida, apresentamos os depoimentos dos alunos da escola B, seguindo a mesma ordem (preservamos os nomes e o sexo dos alunos):

3.1. Depoimentos Favoráveis:

Escola A:

"O clássico nos leva a compreender as outras épocas, auxilia na hora de escrever e até mesmo falar, faz também termos uma visão diferente do mundo" (T.B. – 17 anos)

"(...) pois melhora o nosso grau de interpretação e o nosso conhecimento de uma cultura que é facilmente esquecida" (T.A.H. – 17 anos).

"Sempre aprendemos algo quando lemos essas obras, seja do nosso país, de alguma época marcante, etc." (M. C. L. F. – 16 anos).

"Os clássicos trazem conhecimentos de diferentes épocas, fatos cotidianos que interferem na formação educacional" (L. S. – 17 anos).

"É pelos clássicos que se tem a forma concreta da cultura de tempos atrás, ou seja, creio que nossa literatura faz parte da história do Brasil, pois relatam, alguns mais outros menos (sutilmente) os fatos que aconteceram em suas respectivas épocas" (A. M. N. – 17 anos).

Escola B:

"O clássico contribui para o crescimento cultural e intelectual, além do conhecimento histórico" (R. A. O. – 17 anos).

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

"[...] porque nos leva a épocas diferentes, você faz uma viagem na imaginação" (G. G. – 18 anos).

"Porque através destas obras podemos conhecer literalmente momentos sociais, políticos e econômicos da sociedade" (A. S. A. – 17 anos).

"A leitura é muito importante para tudo, conhecimentos, na hora de escrever, falar sem medo e constrangimento; as obras clássicas são muito interessantes não apenas para o vestibular, conhecemos culturas diferentes e outros" (A. R. S. – 18 anos).

"[...] pois mostra um lado mais culto e literário de nossa cultura e muitas vezes trazem boas lições para nossa vida'' (M. G. F. – 16 anos).

3.1.2. Depoimentos Desfavoráveis:

Após apresentarmos os depoimentos favoráveis, seguem os que não são favoráveis:

"A leitura é pouco importante, pois não tem tanto conteúdo" (J. C. – 17 anos).

"[...] às vezes se perde muito tempo lendo e quando se chega ao final você percebe que não conseguiu entender" (A. O. R. M. – 17 anos).

"Só serve para a realização da prova do vestibular" (C. M. – 17 anos).

Escola B:

Encontramos apenas um depoimento entre os alunos da **Escola B** que acredita ser de pouca importância este tipo de leitura, o aluno assim se expressou:

"Porque você só vai utilizá-la para o vestibular" (D.C. N. – 16 anos).

Comecemos nossa análise por três trechos selecionados dos alunos da escola A, são eles: T. B. disse o seguinte: *O clássico nos leva a compreender as outras épocas, auxilia na hora de escrever e até mesmo falar, faz também termos uma visão diferente do mundo*;

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

M.C.L.*: Sempre aprendemos algo quando lemos essas obras, seja do nosso país, de alguma época marcante, etc*; e L. S.: *Os clássicos trazem conhecimentos de diferentes épocas, fatos cotidianos que interferem na formação educacional.*

Depreendemos das respostas que os três alunos assinalaram as obras clássicas enquanto suporte educacional e direcionamento para a educação e formação dos jovens, pois, como disseram, por meio da leitura pode-se aprender muito, desde escrever e falar melhor, até aprender sobre a história do país. Silva (1986, p. 21) aprofunda a questão e amplia um pouco o tema expondo que "a literatura é capaz de criar tensões em nós mesmos e suscitar intuições acerca da vida humana*"*. Isto quer dizer que podemos crescer muito intelectualmente, mediante o concretismo de uma situação ao adentramos no universo maravilhoso das letras posto que expressam significados reveladores diante da nossa experiência de vida.

Para analisarmos melhor esta questão é importante que observemos a preocupação pedagógica desses alunos. Eles compreendem que com a literatura é possível vermos o mundo de forma diferente. Mesmo que certo tom poético proceda dos depoimentos, parece-nos que eles estão bem próximos de descobrirem algo mais sobre esse assunto, talvez um leve esboçar de tonalidade crítica necessária, como nos aponta o estudioso Antônio Cândido (1972, p. 805): "A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. (...) Seja como for, a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico".

De modo óbvio o respeitado literato, no excerto acima, examina o assunto sob um ponto de vista mais crítico ao analisar de que maneira a literatura pode aperfeiçoar, educar uma pessoa, mas não a considera como instrumento estritamente pedagógico. Assim, tal como reflete o teórico, se aos alunos falta um pouco de olhar refinado diante das picardias do mundo, consciência e humildade não faltam, pois, eles disseram estar sempre aprendendo, mas, aprendendo para quê?

Ora, para a vida, para serem além de verdadeiros cidadãos conhecedores dos seus direitos e deveres, e encontro com a própria natureza humana. Isto nos leva a crer que, para esses jovens estudantes, com certeza a literatura exerce uma função humanizadora, capaz de revelar significados e mostrar direções capazes de os conduzir para o bem viver e por esse motivo essa busca não poder cessar nunca. Silva (1986, p. 21) reforça nossa hipótese, por meio da afirmativa: "No prazer gerado pela complexidade e oscilação dos significados – decorrência natural do movimento de nossa consciência no adentramento do texto literário – vamos conhecendo e compreendendo melhor o mundo e a nós mesmos".

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

Outro depoimento que julgamos ser interessante é o do aluno G. G. F., da Escola B. Assim ele se expressa sobre ler os clássicos: *"*[...] *porque nos leva a épocas diferentes, você faz uma viagem na imaginação"*. Poucas palavras e significado intenso. Parece-nos que este aluno se inclina mais ante o prazer de se ler uma obra, do que com o que essa possa lhe ensinar. Porque, mesmo ao afirmar que o texto "nos leva a épocas diferentes", essa mesma assertiva sinaliza um aprendizado, porém destituído do fazer pedagógico contido nas obras apontado pelos outros alunos em seus respectivos depoimentos.

Nesse sentido, o estudante estaria próximo de nos dizer com todas as letras*:* eu quero viajar na minha imaginação lendo esse livro; eu quero me deleitar com essa preciosa leitura, pois sinto nela o sabor do mais puro mel. A afirmativa do aluno pode ser reforçada, ainda mais, pelas palavras de Calvino (1993, p. 13) quando expõe sobre isso: "Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs. O "seu" clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele".

Em comparação com os alunos os quais veem no clássico uma missão educativa, esse estudante parece ter descoberto que eles não são ou não transmitem somente essa acepção, há neles um teor com poder de se eternizar no âmago do leitor, ou seja, o estudante citado, ao ler o "seu clássico" consolida a acepção proposta por Calvino porque para ele, a leitura dos clássicos fez e faz uma diferença admirável em sua vida de leitor.

Por outro lado, os depoimentos das alunas C. M. e D. C. N., cujas respostas não atribuem importância à leitura dos clássicos porque, de acordo com elas, "só serve mesmo para se fazer o vestibular". A partir dessa afirmação, podemos considerar alguns aspectos que as tenham impelido a essa opinião: um deles concerne ao próprio sistema educacional brasileiro, porquanto a preocupação desses jovens, ao ingressarem no ensino médio, reduz o ato de leitura dos clássicos a se passar no vestibular. Outro fator, tangencia-se ao capital cultural (BOURDIEU, 1998) dos alunos. E, por último, podemos dizer que esses alunos ainda não "descobriram" essa leitura proposta por Calvino, embora nada os impeças de virem a fazê-lo.

A partir da releitura dos questionários cuja leitura circunscreve-se ao ato de passar no vestibular ou obter boa pontuação no ENEM, evidenciamos o seguinte: a nossa hipótese de que eles ainda não "descobriram" essa leitura como quer Calvino, se confirma, pois, numa outra questão que os indaga sobre o porquê de eles terem lido os clássicos, ambos

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

responderam de forma franca que o objetivo da leitura era tão somente para o vestibular ou porque o professor assim o exigiu.

Do mesmo modo, a proposição alusiva ao capital cultural também parece se confirmar porque, no questionário, o aluno C.M., embora tenha respondido que seu pai não tem o hábito de ler e sua mãe leia apenas o jornal, ao indagarmos se em sua casa há romances clássicos ele respondeu que sim, porém admitiu não ter o hábito de lê-los. Já a estudante D. C. N. afirmou que os pais leem somente revistas e, em relação à presença dos clássicos em casa admitiu a existência, embora ratifique não os ler com frequência.

Assim, infere-se das respostas que, dos dois estudantes, o aluno D. C. N. da escola B aparenta pertencer a um ambiente mais propício à leitura do que o aluno C. M., embora ambos não convivam em um meio onde se pode afirmar a existência de elementos favoráveis para serem leitores assíduos e valorizar de fato a leitura tal como preconizam os estudiosos dessa área.

4. Tipologia de leitura

Com o fito de analisar as tipologias textuais lidas por esses estudantes auferimos as seguintes respostas a esse item: romances, a bíblia; gibis, revistas informativas, livros de teoria e jornal, sendo as três opções mais votadas as revistas informativas, seguidas dos jornais e a bíblia.

Nesse sentido, ao se pensar a sociedade contemporânea e valorização do ser humano apenas pela sua capacidade de produzir, era mesmo de se esperar que esses jovens apontassem em primeiro lugar para a leitura de revistas informativas. Isso porque credita-se a esse tipo de leitura, a faculdade de colocar esse leitor numa situação social privilegiada em razão da sua função precípua de atualização em relação aos acontecimentos

Sobre esse assunto, Chartier e Hébrard (1995, p. 589) expõem claramente como a modernidade prescreve o que atualmente se estabelece em termos de leitura: “a nova norma preceitua que é preciso ler tanto para se informar quanto para se formar, mediante o recurso simultâneo às aprendizagens eficazes, bem trabalhadas didaticamente, e à leitura de prazer”. Isso porque, para esses autores, a leitura deve “servir tanto para se instruir como para se distrair, ao mesmo tempo muito e bem, depressa e devagar”. (CHARTIER e HÉBRARD, 1995, p. 589)

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

Assim, corroborando o que dissemos anteriormente sobre o papel da escola em relação ao estudo da literatura e consequentemente da leitura dos romances clássicos, os autores acrescentam: "É na escola que emerge com maior clareza este modelo contemporâneo do ler, visto que ela não pode abandonar a leitura de formação (que fundamenta em suas práticas) nem recusar a leitura de informação (que a avaliza em seus discursos)" (CHARTIER e HÉBRARD, 1995, p. 589).

Não obstante à citação, parece-nos que a escolha da revista de informação pelos alunos levou em consideração tão somente a formação para o enfrentamento da vida em sociedade. É provável os estudantes terem assinalado esse item por acreditarem como mais importante a leitura informativa que a do livro, ou ainda, pelo fato dessa leitura ser "cobrada" periodicamente. Assim, creditam esse sucesso à apropriação de informações, mas esquecem ou até mesmo não são bem instruídos de que uma boa formação advém da junção das leituras para um desenvolvimento mais aprimorado.

Acreditamos ainda que esta posição pragmática advenha da concorrência sentida e imposta aos estudantes. Fato esse confirmado ao se pensar na sociedade e seus motivos excludentes claramente instituídos, tendo-se como exemplo a disputa por uma vaga em uma boa universidade ou no mercado de trabalho, fatos cada dia mais difíceis de serem alcançados.

Portanto, ficar fora desse processo não é nem um pouco aconselhável e talvez, por extensão, os alunos pensem que ler os clássicos não lhes trará resultados expressivos em suas vidas por acreditarem ser mais importante estarem bem informados, como se apenas essa leitura contribuísse para o sucesso na sociedade atual.

Contudo, ler pouco ou ainda, apenas uma tipologia de leitura, eleva o risco vertiginoso da estagnação. Para Perrone-Moisés (2016, p. 78): "Se a experiência da leitura é pouca, a tendência do leitor é gostar daquilo que já conhece, e quanto menos conhecer, menos terá disposição de enfrentar o trabalho que representa a leitura de um texto mais complexo".

Assim, ao se priorizar a leitura de cunho informativo tem-se como consequência um aprendizado estanque e essa escolha parcial afeta os estudantes sobremaneira porque os priva da qualidade e profundidade necessária tanto para a formação do leitor bem como para o desenvolvimento crítico como cidadão e consequente apropriação da cultura universal, cuja formação, prescinde de uma leitura mais aprofundada. Nesse sentido, a escritora Ana Maria Machado (1999, p. 110), reflete:

> [...] por outro lado, viveu-se também uma grande perda – a da profundidade, da verticalidade. E com isso, desapareceu também a busca de uma qualidade até então

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

> muito valorizada em todas as sociedades humanas e tradicionalmente associada à experiência e à leitura. Ou seja, deixou-se de ter como ideal a sabedoria. Fica cada vez mais fácil informar-se, ter conhecimento. Mas em meio a tamanha explosão de dados, muita coisa escapa, fica também cada vez mais difícil compreender.

Assim, é importante destacar a afirmativa da autora sobre cada dia ser mais difícil "compreender". De acordo com o dicionário significa "alcançar, abraçar" (HOUIAISS, 2003, p. 151), mas, como atingir esse objetivo em meio a uma avalanche de informações vertidas sobre o leitor as quais nem sempre atestam sua validade? Inclusive, é desse emaranhado de informações que decorre o problema da apreensão pois esta, passa a ser superficial, momentânea, fragmentada de modo que não assegura o conhecimento adequado o qual eleva o nosso espírito e nos torna de fato mais sábios.

Por outro lado, na prática escolar, cumpre auscultar a afirmação de Chartier e Hébrard. Para os mesmos, o trabalho de leitura deve contemplar a de formação, de informação e ainda acrescem a esse rol, a de prazer. Acreditamos que a partir dessa acepção e levando-se em consideração o que expusemos, podemos considerar a leitura dos clássicos como uma leitura de formação, leitura esta que, apesar de sofrer ameaças de toda ordem, ainda se faz presente, conforme observamos no ensino médio.

A essas ameaças as quais nos referimos em desfavor da leitura, acredita-se que as mais contundentes se relacionam ao uso da televisão e da internet, isto é, há a possibilidade de os leitores hodiernos trocarem o livro pelas telas. Na era da imagem, da velocidade, é o imediatismo a roubar a cena. Isso porque, diferente da leitura não há a necessidade de se refletir profundamente, basta apenas assimilar suas intenções sem muito esforço. E então pergunta-se: teremos futuramente uma nova sociedade composta unicamente de leitores de imagens?

Não sabemos. Mais é inegável que, para muitos estudantes é bem mais cômodo assistir a um filme do que ler um livro, e há, é claro, os filmes sobre os livros, até sobre os clássicos brasileiros como é o caso de *Iracema* de José de Alencar, *Inocência* de Visconde de Taunay, *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo e tantos outros. Por isso é comum ouvir os alunos do ensino médio e até estudantes de Letras perguntarem se "tal clássico já tem em filme*"*. Então, o que nos aguarda adiante? Será a tecnologia capaz de encontrar um instrumento que substitua o livro, as letras? Será isso possível? Para Ana Maria Machado (1999, p. 8) não, conforme afirma:

> Não creio, porém, que as novas tecnologias possam vir a substituir a leitura ou o livro de literatura – romance, conto, ensaio, poesia. Eles têm mudado, mas continuam. Não é a primeira vez na história que se vive uma mudança desse vulto,

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

> pelo advento de novas tecnologias. Na Grécia, muitos séculos depois de Homero, no tempo de Sócrates, a cultura oral dominante foi sobrepujada pela tecnologia da escrita. E no renascimento europeu, quando Gutemberg inventou a imprensa com tipos móveis, houve nova revolução.

Portanto, uma resposta à indagação em relação à imagem sobrepujar a leitura, é negativa pois, conforme pontua Machado, o livro deverá ter vida longa e se fará presente nas gerações vindouras, pois, mesmo diante das transformações de toda ordem, a leitura deverá ter o seu lugar assegurado.

Por outro lado, ao nos pautarmos no fato de que o livro e a leitura representam conhecimento, Pellegrini aponta que a forte presença da imagem está, atualmente, assinalando um novo caminho para a construção do próprio conhecimento entre as pessoas. Para a autora: "(...) com a mídia, está gradativamente se modificando a natureza do conhecimento, que passa a ser traduzido em quantidade de informação transmitida, na grande maioria por meio de imagens, a ponto de as coisas só existirem na mente depois de produzidas e/ou veiculadas por esses estímulos imagéticos" (PELLEGRINI, 1995, p. 78).

Temos então duas opiniões divergentes em relação ao livro e consequentemente para a leitura das letras, pois, enquanto Machado acredita na eternização do ato de ler tradicional abordado nesse artigo, Pellegrini é categórica ao afirmar que, devido ao avanço tecnológico, é provável que teremos no futuro uma sociedade de leitores de imagens, conforme ratifica: "Pode-se afirmar, então, que com o fortalecimento da indústria cultural e basicamente da TV, cada vez mais a imagem eletrônica insinua-se em todas as dimensões da vida quotidiana, ubíqua, surgindo como realidade auto-referencial, remetendo a si mesma, numa infinita cadeia de significantes" (PELLEGRINI, 1995, p. 78).

Contudo, após essas citações contraditórias surge a pergunta: mesmo com a presença da televisão, do computador, da imagem, das tecnologias, de maneira geral, lê-se menos ou mais? E no que tange aos clássicos, lia-se mais em tempos longínquos ou atualmente? Nesse sentido, também há opiniões divergentes.

O escritor Pedro Bandeira, autor de diversos livros infanto-juvenis, tem uma opinião que pode gerar certa polêmica no meio acadêmico. Numa entrevista bem-humorada ao Jornal "Proleitura" ele tanto falou da situação atual quanto discorreu sobre sua geração defendendo-a como leitora dos clássicos. A pergunta foi a seguinte: "Boa parte da crítica acusa a expansão da literatura infanto-juvenil no Brasil e sua intensa circulação nas escolas como responsáveis pelo fato de poucos jovens hoje conhecerem os clássicos de nossa literatura. Como o senhor vê essa questão?" (BANDEIRA, 1998, p. 01)

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

O escritor, munido de bom humor e convicção, respondeu:

> Eram lidos menos do que hoje. Que história é essa de que antigamente todas crianças liam os clássicos? Elas nunca leram os clássicos. Nunca! Jamais! A minha geração toda não lia. Meu grupo de amigos lia, porque nós éramos meio malucos lá em Santos e gostávamos de ler. Mas éramos meia dúzia de pessoas – aliás, a Marisa Lajolo, que é professora de Teoria da Literatura na UNICAMP, era da nossa turma.

Na primeira parte do entrecho, o escritor avaliou que poucos de sua geração liam os clássicos: "éramos apenas meia dúzia". Acreditamos, porém, que essa meia dúzia fez e ainda faz muita diferença no país tanto pelo conhecimento desse escritor, quanto pelo da professora Marisa Lajolo, a qual ele cita e comenta ser de sua turma. Isto também corrobora nossa assertiva de que a leitura dos clássicos deve seguramente fazer diferença na vida intelectual das pessoas.

Deste modo, esses profissionais podem ser citados enquanto exemplo dessa assertiva, pois é inegável serem pessoas de ilibado respeito em razão do trabalho intelectual que desenvolvem para a literatura nacional. Com isso, constatamos mais uma vez que, mesmo os alunos não gostando de ler estas obras, as mesmas representam muita importância para a sua formação intelectual. Na sequência, Bandeira (1998, p. 01) comentou a respeito da influência da televisão e da internet sobre a leitura: "Todo mundo diz que as crianças não lêem hoje porque há a televisão e a internet, que as afastam do livro. Quer dizer que antes de inventar a televisão no Brasil todo mundo lia? Lia nada! A produção de livros no Brasil era pequena, poucas pessoas liam. Hoje se lê muito mais, o número de livros que se consome no Brasil é muito maior do que jamais foi em toda a História".

Depois dessas considerações sobre a influência das famosas "telinhas" sobre a leitura, o escritor tece uma crítica à forma como um aluno é submetido abruptamente à leitura de um clássico brasileiro. Ele diz que "há um momento em que obrigam um jovem que nunca leu nada durante toda sua vida a ler Machado... Se ele não tem o hábito de leitura, como é que vai gostar de ler Machado"? (1998, p. 02)

Esta afirmação nos reporta a considerações acerca do "aquecimento" dos alunos antes da leitura dos clássicos. Eles devem ser preparados para isso, é preciso antes construir condições para se alcançar bons resultados e essas se estabelecem desde o hábito da leitura em geral, isto é, de qualquer texto que poderá ser de literatura infanto-juvenil, contos, crônicas e outros, até a explicação por parte do professor sobre o que é um clássico. De tal modo, o professor obterá melhores resultados com esses jovens leitores.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

Ainda para reforçar o que Bandeira afirma em relação às tecnologias não constituírem obstáculo para a leitura, Ana Maria Machado apregoa o seguinte: "Fala-se muito em ameaças ao livro e à leitura. Diz-se que as crianças estão lendo menos ou que os livros estão condenados a desaparecer porque são caros demais ou não conseguem atrair leitores diante dos CD-ROMs e computadores (aí ninguém se lembra do preço de CD-ROM e computador...)". (MACHADO, 1999, p. 95)

Ao continuar o mesmo raciocínio, ainda acrescenta:

> Nenhuma reflexão que tente entender a palavra escrita hoje em dia pode esquecer dois fatos inquestionáveis e fundamentais. O primeiro é que centenas de milhões de seres humanos estão agora, pela primeira vez, entrando no mundo da leitura e da escrita. O segundo é que, ao contrário da televisão e do vídeo (tecnologias visuais perfeitamente ao alcance de qualquer analfabeto, extensão da velha cultura oral), agora com os computadores e meios interativos há uma reabilitação da importância da palavra escrita. As novas tecnologias exigem alfabetização e capacidade de leitura. (MACHADO, 1999, p. 112)

Se levarmos em consideração a proporção da população de analfabetos ser bem menor do na década de cinquenta, por exemplo então a autora tem razão ao afirmar que centenas de milhões de seres estão, pela primeira vez, entrando no mundo da leitura e da escrita. A título de exemplo e para corroborarmos a assertiva de Machado, apresentamos os seguintes dados: Em 1960, 39,6% da população brasileira de mais de quinze anos era analfabeta; em 1980, o percentual era 25,5%; em 2000 apenas 13,8%; já, em 2010, o percentual caiu para 9,6%[3]. O que nos resta saber é se, atrelado a esses índices houve aumento da leitura de obras clássicas. Para o escritor Pedro Bandeira, como já vimos, sim, porém há quem diga o contrário. Perrone-Moisés (1998, p. 206) contrapõe o escritor ao afirmar:

> A alta cultura, a criação desinteressada, ou interessada em ampliar o conhecimento e a experiência humanos, em aguçar os meios de expressão, em despertar o senso crítico, em imaginar outra realidade, tudo está ameaçado de extinção. O cânone ocidental representa um papel aparentemente pequeno no contexto da sobrevivência humana, mas sua manutenção ou demolição, como a manutenção ou a demolição de outras tábuas de valores de outras culturas, afetará certamente a qualidade dessa sobrevivência.

A autora enfatiza que a leitura do cânone está ameaçada, por força de algo que se institui a cada dia na sociedade ocidental. Ela mesma considera que "os valores estético-literários são diária e progressivamente vencidos por uma cultura de massa embrutecedora, ou transformados em mercadoria de grife na indústria cultural" (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.

[3] Fonte: IBGE. http://www.ibge.gov.br/, acesso em 16 de maio de 2016.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

206). De acordo com a estudiosa, a derrota dos clássicos é fato que povoa o momento com tamanha força, mas também as sequela.

E ainda reforça que, advindas desse fato, haverá prejuízo na própria continuidade da "alta cultura do ocidente" dado o distanciamento do manancial de complexidade, reflexão, realização e aprofundamento intelectual sobre os que estão dispostos a conhecê-los. Mais adiante, ainda em tom pessimista, a escritora continua seu raciocínio e conclui:

> A estética é uma das esferas da vida social, e o que ocorre numa delas repercute nas outras. A agonia e a possível morte da arte e da literatura já vêm sendo anunciadas há tanto tempo que não nos comovem mais (...). Os valores literários e a própria literatura, como valor, estão passando certamente por uma fase mais difícil do que aquela em que a rejeição burguesa ocasionou assunção, pelos poetas modernos, de um projeto altivo, desafiador e potencialmente suicida. Agora, em vez de ação e reação, há estagnação e conformismo (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 207).

Por outro lado, ao retomarmos a afirmação de Pedro Bandeira quanto à quantificação da leitura em outras épocas, esse enfatizou ser pouca ou quase nenhuma, abordando como uma das razões, a baixa tiragem de livros. Para se ter uma ideia em relação a esse fato, na mesma entrevista, o escritor mencionou que o romance *Vidas Secas*, uma das obras-primas da literatura nacional, teve uma primeira tiragem de 3.000 exemplares no ano de 1938. Ressaltou ainda que anos se passaram até o esgotamento dessas obras. Também mencionou em relação à Machado de Assis a tiragem de apenas 300 exemplares no século passado.

Portanto, é realmente importante se questionar a afirmação de que hoje o estudante não lê e mais, não lê literatura clássica, porque isso não quer dizer que todos os estudantes de todas as realidades sociais leiam os clássicos. Essa assertiva pode ser explicada a partir de nossa análise dos questionários aplicados pois muitos leem em decorrência do ENEM e ou vestibular ou ainda em razão da exigência do professor.

No entanto é necessário frisar que alguns leem somente o resumo dessas obras e outros sequer têm o hábito da leitura. Mas, com o intuito de ampliarmos a discussão sobre este assunto, devemos considerar vários fatores os quais não podíamos antes levar em consideração, um deles é a massificação da educação.

Hoje quase todos vão à escola e têm contato com livros, ao passo que antes, ou para ser mais preciso, nas décadas de 30, 40 e 50, 60, 70 do século XX, possivelmente o período mencionado por Pedro Bandeira, o acesso à escola era bem menor porque apenas uma pequena elite enriquecida a frequentava. Isto se devia em razão da escassez de instituições de

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

ensino. Na realidade, não havia muitas escolas, muito menos para aqueles sem condição socioeconômica a favorecer o acesso.

A confirmação de que a escola era para poucos e, consequentemente, tínhamos poucos leitores pode ser encontrada na obra *Educação no Brasil* de Anísio Teixeira (1976, p. 93). Assim o autor se expressa:

> Para dar idéia das proporções desse ensino bastará indicar as matrículas globais em 1927: no ensino primário, para uma população em idade escolar estimada em 4.700.000, encontravam-se nas escolas cerca de 1.780.000; no secundário, para uma população em idade escolar de 4.350.000, o número de alunos não excedia de 52.500; no ensino técnico profissional, os alunos atingiam à cifra de 42.000; e no superior, em todo o país, estudavam cerca de 12.500.

Ainda, a partir de outros dados, mais resumidos e com intenção comparativa, o próprio Anísio Teixeira, em *Educação não é privilégio* (1977)*,* assinalou a situação de escolaridade em 1900 e cinquenta anos depois: "(...) tínhamos em 1900, 9.750.000 habitantes de mais de 15 anos, dos quais 3.380.000 eram alfabetizados e 6.370.000 analfabetos. Em 1950, 14.900.000 eram alfabetizados e 15.350.000 analfabetos. Diminuímos a percentagem de analfabetos de 65% para 51%, em cinquenta anos, mas em números absolutos, passamos a ter bem mais do dobro de analfabetos" (TEIXEIRA, 1977, p. 22).

Em relação ao fato da escola atender somente uma camada social, a "elite brasileira", o autor assim se expressou: "Como se vê, a educação escolar existente não penetrava profundamente nenhuma grande camada popular e se caracterizava, perfeitamente, como uma educação da elite, eufemismo pelo qual significamos o fato da educação não atingir senão os filhos de pais em boa situação econômica na sociedade" (TEIXEIRA, 1977, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, em vista do que se expôs, fazemos uma indagação: como se pode afirmar que antigamente lia-se muito se tínhamos poucas escolas para formar leitores? Após nossas exposições, parece-nos claro que, no período citado, somente uma pequena "nata" da sociedade brasileira tinha acesso à escola. E são esses poucos, provavelmente abastados que liam possivelmente os clássicos da literatura nacional e estrangeira, uma vez que, já nessa época, este tipo de leitura podia apontar diferenças sócio-culturais entre as famílias.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

Hoje, como a expansão do oferecimento adequado à demanda escolar, a conclusão é que, apesar dos estudantes priorizarem outros tipos de leitura, ou ainda, apesar dos mesmos sentirem-se mais próximos das leituras oportunizadas pelas mídias, ainda assim, o número de leitores aumentou em relação ao passado, embora talvez não com a profundidade necessária para a boa formação do leitor, ou para o desenvolvimento crítico que a leitura dos clássicos propicia.

Assim, retomando nossos apontamentos e análises aqui demonstradas, é possível dizer que, apesar de todos os contratempos, da presença da tecnologia e das "telinhas", os estudantes do ensino médio, na sua maioria, quando leem os clássicos brasileiros, apreciam a leitura e atribuem grande valor a ela, tanto do ponto de vista histórico-social, quanto pedagógico.

Portanto, é nesse sentido que podemos afirmar e assinalar a grande responsabilidade da apresentação dos clássicos aos alunos pela escola, encargo esse que se estende também ao professor no desenvolvimento de um trabalho sistematizado desde ao apresentar o que é um clássico literário ao estudante, ou ainda, ao balizar sua importância até a evolução do gosto por essa leitura precípua aos mesmos, seja como instrumento de formação de leitores, seja para o desenvolvimento crítico e a apropriação cultural que desse ato emana.

Abstract: This article shows the result of a research realized in two schools in the city of Dourados – MS about the reading of classical romances. We called the schools like A and B with the purpose of preserve the identity of these institutions, being that the A school belongs to the public network and the B school belongs to private one. We applied questionnaires with closed and opened questions for the students of the third year of High School as research method. This material allowed an approach of the currently situation of the reading of classical novels. Thus, it was possible describe the reality broadly in order to highlight what these young readers, students of the High School, have to say us about their readings or non-readings of Brazilian classical romances from these data and based in some scholars of the theme.

Keywords: Reading. Literature. Brazilian classical novels. Case study.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Pedro. **Nascido para narrar**: uma entrevista com o escritor Pedro Bandeira. Tablóide Proleitura, nº 22, p. 1-3, out. 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural.** In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação***.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202

CALVINO, Ítalo**. Por que ler os clássicos.** 2 ed. Trad. de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Revista Ciência e Cultura, São Paulo: USP. V. 24, n. 09, p. 803-809, 1972.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura** – *1880–1980* –. 5 ed. Trad. de Osvaldo Biato e Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio século XXI***:* o dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente**: Conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999.

PELLEGRINI, Tânia. **Aspectos da produção cultural brasileira contemporânea**. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, nf.2, 1995, p.69-91. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo266Artigo5.pdf Acesso em: 20/01/17.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Mutações da Literatura no século XXI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. **Depois do colonialismo:** usos e abusos. In: PEREIRA, Danglei de Castro; SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. *Olhares sobre o marginal* (orgs). Jundiaí, Paco Editorial: 2015. P. 69-84.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na Biblioteca**. 2 ed. São Paulo: Papirus, 1986.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

_____ . **Educação não é privilégio**. 4 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 38, p. 166-183, jul./dez. 2019.
Recebido em: 03 mar. 2018.
Aceito em: 22 maio 202